

# Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano II - nº 17 - Jun./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



**MARIA ELENA DOS SANTOS SILVA**

**Para vencer na vida e estudar, nunca é tarde.**



## **POIESIS**

Carlos Eugênio Rêgo  
Danton Medrado  
Eva Wilma  
J. Wilton

## **DESTAQUES**

O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO EMPODERAMENTO SOCIAL DA MULHER

Prof. Me. Faustino Moma Tchipesse



A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA

Profa. Dra. Joseneide dos Santos Gomes



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)



Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 17 de Junho de 2021 - ISSN 2675-2573

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Manuel Francisco Neto (Angola)

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomaz Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

**Organização:**

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

**AUTORES(AS)**

Alexandra Regina Sampaio

Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira

Edgleid Sales Braga Bernardo

Eliane Jaques

Elisama Edilia Oliveira dos Santos

Faustino Moma Tchipesse

Fernanda Xavier Fontana Oliveira

Gisele Aparecida Padilha Vilela

Joseneide dos Santos Gomes

Luiz Ricardo Fueta

Maynara Chaves Ferreira

Miriam Ferreira

Neiva Luiza Martins de Oliveira

Samaia Cavalcante de Souza

Sileusa Soares da Silva

**A**

São Paulo  
2021

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Denise Mak  
Manuel Francisco Neto (Angola)  
Patrícia Tanganelli Lara  
Thaís Thomas Bovo  
Veneranda Rocha de Carvalho

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adeílson Batista Lins  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Profa. Me. Ivete Irene dos Santos  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo  
Profa. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. (11) 98031-7887  
Whatsapp: (11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com  
<https://primeiraevolucao.com.br>  
São Paulo-SP - Brasil

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

Filiada à:



Publicada por:

Edições **Livro Alternativo**

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 17 (jun. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

112 p. : il. color  
Bibliografia  
Mensal  
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>  
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.17>

# ÍNDICE

## 05 APRESENTAÇÃO

Profa. Me. Ivete Irene dos Santos

## 07 HOMENAGEM

Maria Elena dos Santos Silva

## COLUNAS

### 10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

### 12 A CAMINHO DA ESCOLA

Ivete Irene dos Santos

### 111 POIESIS

Carlos Eugênio Rêgo, Danton Medrado, Eva Wilma, J. Wilton.



## ARTIGOS

\* Destaque

1. EDUCAÇÃO INFANTIL E AS ESTRATÉGIAS NO CAMPO EDUCACIONAL Alexandra Regina Sampaio	15
2. A TECNOLOGIA DIGITAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira	21
3. EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA Edgleid Sales Braga Bernardo	29
4. RECICLAGEM E TRANSFORMAÇÃO NA ESCOLA Eliane Jaques	37
5. REGISTRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Elisama Edilia Oliveira dos Santos	43
★ 6. O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO EMPODERAMENTO SOCIAL DA MULHER Faustino Moma Tchipesse	49
7. PSICOMOTRICIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO Fernanda Xavier Fontana Oliveira	57
8. HISTÓRIA EM QUADRINHOS, DESENHO E O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Gisele Aparecida Padilha Vilela	69
★ 9. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA Joseneide dos Santos Gomes	75
10. AS CORES NA NOSSA VIDA Luiz Ricardo Fueta	83
11. O DIA A DIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. O QUE ACONTECE LÁ? Maynara Chaves Ferreira	89
12. O PANORAMA EDUCATIVO VIVIDO NA EDUCAÇÃO PLÁSTICA Miriam Ferreira	93
13. UMA VISÃO REFLEXIVA PARA AS ARTES VISUAIS Neiva Luiza Martins de Oliveira	97
14. REFLEXÕES E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL Samaia Cavalcante de Souza	101
15. METODOLOGIAS VOLTADAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES Sileusa Soares da Silva	107

## O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO EMPODERAMENTO SOCIAL DA MULHER

FAUSTINO MOMA TCHIPESSE

**RESUMO:** A igualdade, enquanto for caracterizado como valor universal, assumirá uma plêide de dimensões, sendo uma delas a igualdade entre os géneros. Por outro lado a sociedade assume cada vez mais igualdade sobre a eminente dignidade da pessoa humana, sem olhar o género como factor discriminatório. Todavia, a mera observação filosófica vai além de uma presunção e, revela que não existe, ainda neste contexto um padrão universal, sobre os princípios a ter em conta na afirmação da mulher. Durante a nossa abordagem verificamos que, permanecem sinais perturbadores de fragilidade para os quais cumpre olhar atentamente. O nosso objectivo consiste em compreender o contributo da filosofia da educação no empoderamento social da mulher a luz do contexto angolano. Também comprometemo-nos a reflectir criticamente sobre os factores que explicam a persistência da discriminação fundada na mulher. No final identificamos os principais desafios do género feminino no empoderamento social. Nestes termos a filosofia, leva-nos a reflexão sobre a nova moral e, descreve com rigor, os principais preconceitos estabelecidos contra alguns sectores marginalizados ou perseguidos, como as mulheres. Acreditamos que com esse manuscrito, será possível reformar profundamente o pensamento da sociedade e, com isso, desconstruir a ideia comum de que o domínio masculino foi sempre pacífico e universalmente aceite.

**Palavras-chave:** Igualdade. Justiça. Liberdade. Empoderamento.

### INTRODUÇÃO

A afirmação filosófica sobre o empoderamento da mulher vai além de uma preposição, resulta da fundamentação histórica tradicional onde vê-se claramente a pouca participação do género feminino. A tal ausência de protagonismo induz a ideia da limitativa relevância que as mulheres teriam tido face aos homens, no percurso da humanidade. Daí a necessidade de compreender o contributo da filosofia no empoderamento social do género.

Pretendemos fornecer elementos para uma nova perspectiva, sobre o passado e com isso desenhar um futuro melhor para as mulheres, por essa razão a análise sobre o género faz-se necessário nestes tempos do nosso acontecer. As mulheres são objectos da nossa investigação, pelo facto delas serem sujeitos da história e agentes de mudanças em Angola e no mundo.

Com este trabalho, pretende-se evidenciar a história de um passado colectivo e com isso, incentivar as pessoas a questionar os lugares comuns e na ossatura esquelética que se chama filosofia, buscar as razões dos estereótipos perpetrados pelos homens contra elas. Esta análise vai ajudar à construir uma identidade feminina de grupo com autoridade intelectual, onde vai privilegiar: auto-estima; autonomia; igualdade; liberdade; solidariedade; representatividade; capacidade de decisão que possibilita a construção de projectos de vida própria independente e valida.

Certamente, esta pesquisa vai permitir: identificar os principais desafios da mulher no empoderamento social; caracterizar os factores de avanços e retrocessos da auto-afirmação das mulheres nos diferentes sectores sociais. Com estes objectivos pretendemos desfazer mitos vulgarizados sobre as mulheres do passado como forma de justificar um presente injusto e discriminatório e com isso contribuir para desenvolver a sua história antropológica dando a noção de que sempre houve motivos para o reconhecimento do seu grande papel social. Importa lembrar que, o papel e o estatuto das mulheres correspondem a construção cultural que pode ser modificado em função de factores internos e externos das comunidades humanas.

Importará, enfim, acrescentar que tem todas as culturas o percurso histórico das mulheres tem registado avanços, retrocessos e, contradições semelhantes têm, permitido a privação de direitos e a ausência de poder político e económico um traço dominante nos últimos séculos, pois a história está no centro do discurso filosófico.

---

Se convergirmos as preocupações elencadas, abrir-se-a um debate propriamente filosófico sobre realismo de género, com objectivo de tecer algumas críticas a um essencialismo que pretenderá encontrar a representação mais ou menos inequívoca de um conjunto de características que definem o sujeito do feminismo. É mesmo possível aprender sobre ou identificar-se com as mulheres? Existem inúmeras pessoas a quem correctamente nos referimos como «mulheres», mas isso não quer dizer que tenha de haver algo que todas têm em comum que explique o que significa mulheres em geral.

Spelman (1988:110-111), defende que “ as nossas histórias reais, são ricas em diferenças e marcadas por divisões dolorosas entre nós, dizem-nos que tal identidade e comunidade não decorrem, quando efectivamente surgem, meramente do facto de nós termos tornado mulheres”. Esta presunção filosófica, chama a atenção a incapacidade de as concepções realistas do género darem conta das particularidades constitutivas da identidade de género de diferentes mulheres, tais como a raça, a etnia, a classe, ou a nacionalidade.

É possível afirmar que, desde a sua primeira vaga, o feminismo vem desafiando concepções essencialistas do que é ser mulher. Este argumento da particularidade, mostrava ser fundamentalmente impossível pensar o género sem recurso a outras modalidades identitárias, na medida em que a própria experiência do género era construída em função dessas dimensões.

## A FILOSOFIA DEFININDO A MULHER

Para olhar a inquietação «devir-mulher» e a sua problematização, necessitamos de ampliar os estudos juntos, a fim de sairmos do marasmo e da relação binária sobre o género e com isso, compreendermos as diferenças a partir do alerta sobre a ideia de mulher que a filosofia apresenta.

A «mulher é um devir». Para Deleuze (1997) esse conceito não tem a ver com a ideia de sexismo binário que encontramos na teoria do multiculturalismo. Ao trazermos as contribuições do conceito devir-mulher para a nossa abordagem, nos foi necessário entender que este dever anunciado por Deleuze (2015); Nietzsche (2003) e Arendt (1997), é um conceito filosófico que está atrelado a ideia de mudança constante.

Para Krahe & Matos (2010:5) “devir-mulher é uma linha de fuga que desfaz a essência e as significações em proveito de uma matéria mais intensiva onde se movimenta o afecto”. Com isso, procuramos buscar o conceito filosófico de mulher, a fim de trazermos ao debate os grandes desafios que o seu empoderamento social impõe. Apresentamos como problematização sua condição histórica de exclusão. O nosso objectivo consiste em compreender as causas da sua exploração.

Piscetelelli (2002) alerta que “ao definirmos a mulher o interesse primordial deve ser a compreensão, articulação teórica e estrutural da dominação entre o sexo e sua origem”. Isso significa que, a actual reflexão sobre o género feminino é, simplesmente a potencialidade que o conceito contém, desde que se mantenha aberto aos sentidos impostos pela compreensão das dinâmicas de dominação, que sempre se actualizam na abertura do tempo e do espaço.

Desta forma, o conceito filosófico de mulher, pode se configurar como uma categoria que, para além de ajudar a problematizar as diferenças em termos de desigualdades entre mulheres e homens, possa também colocar como problema a maneira como essas mesmas categorias são fabricadas, historicamente, socialmente, politicamente e em articulação com os poderes implicados nas relações entre os sujeitos, como aponta Scott:

Daí se segue que género é a organização social da diferença sexual. O que não significa que género reflecta ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres mas sim que género é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, incluídos aí os órgãos reprodutivos femininos, determina univocamente como a divisão social será definida. Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é puro, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos. A diferença sexual não é, portanto, a causa original da qual a organização social possa ser derivada em última instância. (SCOTT, 1993:13)

É importante salientar que a perspectiva de género não é apenas importante instrumento de crítica sócias, mas sim dos discursos dominantes, ela se converte também em instrumento de autocrítica, na medida em que se mantém alerta a novos problemas postos pela experiência das mulheres.

---

## A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E O SEU CONTRIBUTO NA AFIRMAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A filosofia é uma ciência real, que faz parte do nosso dia-a-dia. Além da docência, a filosofia pode permitir o indivíduo actuar em várias áreas tais como: veículo de comunicação de massa; acessória nas organizações não-governamentais; consultoria de recursos humanos, palestrantes motivacionais; Administrações Municipais, Distritais e Comunaes. Ela se apresenta como verdadeiro instrumento de combate ao desenvolvimento social.

Ela beneficia a sociedade e ajuda na busca da paz e do desenvolvimento para as mulheres. Ela serve para o verdadeiro exercício de pensamento crítico e de busca de respostas duradouras para os desafios do país, do seu desenvolvimento e, da sua auto-afirmação.

Pensar a filosofia e o seu contributo na afirmação da mulher, pressupõe procurar a qualidade dos factos e fenómenos sócias por meio da verdade, mas antes precisamos reflectir na seguinte pergunta: Será a filosofia aquela coisa com qual e sem qual tudo fica tal qual? (MURCHO,201:106).

Precisamos referir que reflectir sobre a auto-afirmação da mulher numa sociedade contorcida como a nossa, não é uma tarefa simples. Apresentar o contributo da filosofia é muito mais difícil, não porque não haja, mas sim pelo facto de existirem tantos.

De forma mais concreta diríamos que no primeiro momento em que nos debruçávamos sobre esta problemática, fomos inconscientemente pilotados à expressão «à filosofia da mulher em busca do recomeço». A afirmação da mulher numa sociedade exigente como a nossa vai propor grandes desafios, que terá de partir do conhecer ao conhecimento dos problemas sociais não universalizados.

Patrício & Sebastião (2004:16) defendem que “a mulher deve ter conhecimento, pois ela é fruto do acto conhecer, o que é originário é, pois, o conhecer e não o conhecimento”. Este princípio é um meio para conquistar os diferentes lugares que ontem eram ocupados simplesmente por homens. Assim, importa refutar que conhecer é o acto, e o conhecimento é o conteúdo do acto, e também, o seu produto, ou seja para produzir o conhecimento ela precisa conhecer.

Segundo H. Rebelo & J. Bonito (2012:3), “a reflexão filosófica é fulcral, para entender que, nenhum conhecimento pode ser posteriori, no tempo, ao acto de conhecer o que pode haver é a necessária distinção entre gerar o conhecimento e conservá-lo ou recorda-lo, durante a sua aplicação prática”.

O exposto leva-nos a crer que o empoderamento da mulher legitima-se, se haver nela a verdadeira acção de um sujeito cognoscente. Nos entendemos que este sujeito é a mulher. Então precisamos saber quem é a mulher? A mulher é uma pessoa. Fica evidente que à auto afirmação social da mulher exigirá elevada capacidade de conhecimento, tendo em conta as formas: sensível, inteligível, imediata, mediata, a priori, a posteriori, constatativa, valorativa, directa, indirecta, quidativa, identificativa, natural e cultural (PATRÍCIO & SEBASTIÃO, 2004:23-24).

Diante disso, a filosofia da educação vai encorajar o respeito pela diversidade cultural pela troca de opiniões e pela divisão dos benefícios da actuação do género e da ciência que são considerações para o genuíno debate. Para UNESCO (2011) “a filosofia é a busca constante do conhecimento, da verdade, é um olhar para nós mesmo”.

Assim torna-se necessário afirmar que ela ajudará a mulher a desvendar os mistérios e a história da nossa existência, com isso compreender o porquê e a razão fundamental da marginalização do género. A mulher e o seu empoderamento. Pretendemos buscar respostas sobre os elementos que transversalizam a afirmação e com isso, propor a adequação dos princípios universais como: igualdade, liberdade, solidariedade e representatividade.

Estas palavras-chave, representam um acto filosófica para o homem reflectir, criticar e argumento sobre o pouco conhecimento que tem diante deste mundo imperfeito e ao mesmo tempo maravilhoso sobre o género feminino.

Se fizermos uma releitura voltada a uma familiarização do texto, entenderemos que as mulheres não atingiram ainda os níveis sociais a que se exige sobre o empoderamento, lembrando que imponderar significa «dar ou conceder poder para uma pessoa ou grupo». Este processo só acontece quando há conscientização das mulheres reivindicarem por seus direitos, garantindo que possam estar cientes da luta pela total igualdade entre géneros seus diversos cenários sócias. Para isso os homens precisam colaborar para construir a igualdade de participação de ambos os géneros apoiando-se na decisão das mulher e, as enxergando como parceiros tanto no ambiente profissional quanto no pessoal.

Hoje quando falamos de empoderamento feminino, encontramos opiniões divididas entre homens e mulheres. O que empoderamento feminino? Para alguns homens, «empoderamento é uma

---

acção que busca simplesmente privilégio ao invés de igualdade social». Enquanto que para algumas mulheres, empoderamento «é um acto de igualdade social e política como um todo, e as responsabilidades e os progressos da vida como um objectivo de melhorar a vida». Elas defendem que, «as mulheres fortes não precisam de ninguém para e sentirem bonitas ou inteligentes».

É, extremamente importante que as mulheres lutem pelos seus direitos, o feminino é necessário para melhorar e corrigir a sociedade. Quando falamos de empoderamento feminino não estamos falando somente de dar espaço para as mulheres na sociedade, mas também falamos de como é importante encorajá-las desde meninas a serem o que quiserem a terem auto estima em diversos aspectos de suas vidas e a repassarem esse suporte a outras mulheres que precisam.

Este exercício perene, tem maior respaldo com acções que reflectem na antropologia filosófica e com isso desafiar e despertar o espírito crítico da sociedade, a fim de se ter uma visão clara diante dos factores da vida e dos extremos da natureza humana.

Pelo que, foi dito, facilmente se percebe que precisamos estar prontos para testemunharmos a auto afirmação do género feminino em todos os sectores. Precisamos nos adaptar as mudanças, que aparecem na vida de cada um, pois ela é contínua e, elas nos ajudam a reflectir sobre os fundamentos da nossa existência.

Para H. Rebelo & J. Bonito (2012:7) “o homem vive do íntimo conhecimento”. O principal contributo da filosofia na auto afirmação da mulher não é, construir discurso carregado de falsidade, mais sim de questionar sobre a aplicação prática da verdade e sua eficiência antes, durante e depois da sua aplicação.

A filosofia é o ponto de partida para encarar a mulher sem preconceitos. Para sustentar esta presunção fazemos recursos a obra clássica da feminista e filósofa Elizabeth Spelman, que em 1988 fez uma abordagem sobre *inessential woman: Problems of Exclusion in Feminist Thought*, Spelman coloca em relevância “as fragilidades inerentes à teorização do género no pensamento feminista. Em causa estava uma visão essencialista do significado de mulher, que parecia fazer o seu caminho desde as sociedades patriarcais que o feminismo ambicionava dismantelar, infiltrando-se no centro do movimento” diz Lobo (2019:2). Esta perspectiva interessante deu motivo para repensar o sujeito de um projecto político por definição inclusivo e libertador. Mais quem é esta mulher de que estamos falando?

Segundo Schemam (2002:11), “a filosofia feminina em particular, tem-se dedicado à análise da natureza da própria categorização”. Parece inevitável que um movimento político de carácter eminentemente prático se confronte e pergunte os seus próprios alicerces a fim de levar a cabo uma investigação profunda sobre os contornos e corpos de acção « o que é ser mulher?» e « como decidir quem é mulher?». Estes são questões que vêm assombrando a teoria feminista, os seus autores lutam todos os dias para responder as várias dimensões teóricas. Para Lobo (2019:6) tal dimensão «deve no entanto ser capaz de se articular com uma prática política que tenha em consideração a situação material vivida por indivíduos, identificados como mulheres».

As perguntas colocadas convidam à uma discussão forte, e este tomará contornos circulares uma vez que desconstruir as concepções essencialistas subjacentes nos níveis de género pressupõe tratar o assunto com racionalidade e com reflexão na realidade e no contexto a que de inscreve o assunto. Todavia, é irrevogável que este trabalho de desconstrução, o conceito da mulher venha criar fatalidade na compreensão da linguagem que estamos a propor, quando identificarmos os grupos historicamente excluídos do processo de organização social - no caso a categoria mulher permanece centralizada. Não obstante, a necessidade de sabermos se ela ainda é capaz de servir os seus propósitos emancipatórios.

Lobo (2019:12), disse que “o reconhecimento de que as categorias de género são simultaneamente, produtos de mecanismos de manutenção do próprio sistema de géneros, instituído esta na origem do problema de que tratamos”.

A preocupação colocada tem uma dimensão normativa reproduzir da única e exclusivamente pela utilização de categoria identitária, pois remete-nos ao debate sobre o realismo de género que deixou de discutir somente a existência efectiva de uma identidade feminina passando a questionar pela pertinência da utilização da categoria da mulher.

Hoje, se tornou claro, que a mulher esta condicionada pela própria biologia, pois ela a classificou em termos binários. Ela, esta condicionada socialmente. A solução sobre o empoderamento feminino - bem como a de outras questões que enfermam a sua afirmação social - passa por dar voz aos outros sobre a modernidade, teorizando a partir das nossas perspectivas. A proposta apresentada como reflexão incitará a girar o eixo de referência da nossa abordagem.



---

## A FILOSOFIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA ENCARAR A MULHER SEM PRECONCEITOS

A inserção de uma perspectiva em que as mulheres não são apenas uma categoria de género, mas também sujeitos históricos e política, não tem sido um processo fácil. Munidas de engajamento e activismo as mulheres reclamam diariamente e questionam as motivações de tanta barbaridade perpetrada pelos homens, e muitas delas denunciam a exclusão feminina do direito inalienável á educação, saúde, ao voto, ao trabalho, tal como no espaço público.

Estas reclamações marcam a história sobre cidadania feminina, legitimando sua indagação para construção de uma sociedade democrática, igualitária e justa. Para Moreira (2016:3) “às mulheres não são movidas apenas de ampliação das ideias de democracia nos pais, as mulheres vão em busca permanente de consolidação, efectivação e ampliação de direitos.

A análise apresentada remete-nos, a conhecer os conceitos antro-po-filosoficos e as representações do feminismo, assim como dos subsídios para uma hermenêutica crítica da tradição filosófica. Para Henriques (2010:12) «é necessário articular o pensamento filosófico com a conceptualização do feminino descartando alguns aspectos dessa articulação na cultura [...] com isso abrir um espaço teórico completamente novo[...]que se interprete a passagem do muito ao *logos*».

No caso vertente das concepções antro-po-filosoficas e da representação do feminino, parece ser pacífico afirmar que recebemos da Grécia, uma discriminação antropológica fundadora, uma série de *estereótipo arquilepico*, que levou a pensar o feminino como derivado e, conseqüentemente as mulheres como segundo sexo ao longo de toda tradição ocidental (HENRIQUES, Id.,:2).

A filosofia é, o ponto de partida para encarar a mulher sem preconceitos, pois ela desenha o sentido e a legitimidade da busca de uma conceptualização do feminino e das mulheres em particular. No quadro do estabelecimento do sentido e da legitimidade deste trabalho, do ponto de vista das acções das mulheres, cabe perguntar o seguinte:

a) Qual é a importância de mergulhar na história da antro-po-filosofia ou nas ideias culturais em busca de raízes e das afirmações sociais da mulher?

b) É mesmo necessário fazer a pergunta ou o mais importante é compreender o androcentrismo na linguagem sobre como a filosofia pode ser o ponto de partida para encarar a mulher sem preconceitos?

c) Quais são os efeitos perversos das indagações colocadas?

Obviamente, a existência deste trabalho representa uma resposta afirmativa a qualquer interrogação, todavia, não será despiciente mostra que ele é, antropológicamente consciente e pedagogicamente útil. Ricoeur (1950:443) disse que:

“entre muitas perspectivas críticas também a racionalização hermenêutica poe em causa esta espécie de positivismo epidemiológico, ao mostrar que se fala sempre de um lugar humano e cultural e que estamos irredutivelmente ligados ao ser ou a realidade que procuramos entender, pelo que não podemos saber o todo, porque estamos mo todo”.

Na mesma linha de pensamento parece igualmente possível considerar o androcentrismo sob a capa de universal neutro, como um factor importante do silenciamento ou da minimização nas mulheres que apesar de todas a invisibilidade não foi possível fazer desaparecer da história das ideias da cultura e da filosofia.

Elas devem lutar contra os preconceitos para garantir a sua auto afirmação, pois precisamos superar as dificuldades, evitar o acantonamento das poesias, escritas pela experiência da vida, devem elevar o exercício de interioridade reflexiva a fim de contrariar o sentimento enclausurado num Eros<sup>1</sup> autocontemplativo que é colocado, habitualmente, em confronto com a consciência alienada.

A presente reflexão releva, a convicção radicada em Aristóteles “não só que o, ser se diz de muitas maneiras, como ele afirmou explicitamente, mais também é, porventura, principalmente polifonia de vozes uma mais harmónica e próximas, outras mais dissonantes e afastadas, mas todas igualmente imprescindíveis” disse (HENRIQUES, 2010:11).

Hoje, quando falamos da filosofia feminista, faz-se um rasgo sobre os olhares da filosofia intercultural a fim de elevar a reflexão entre as margens da antropologia da mulher. Para tanto, é preciso

---

<sup>1</sup> Para Freud (1925) a palavra Eros foi utilizada pela primeira vez pelos gregos. Muitas vezes designado por “erotas” que significa “o amor-romântico. Platão refinou sua própria definição: eros pode também ser definido como a atracção para perfeição ou integridade, e é usada para descrever a satisfação entre amante/amado e o humano com Deus.

---

problematizar e caracterizar as falas, quem fala e o que se decide falar em torno no género feminino e os seus preconceitos.

Estes pontos delimitam as perguntas que gostaríamos de desenvolver aqui para analisar as contribuições da filosofia feminista e intercultural na experiência de outros modos de se pensar e fazer filosofia. Para Freisse (2005, p.14) apud Souza (2016:205-206) a compreensão filosófica do género:

Valida a legitimidade daquilo que determinados grupos e movimentos sociais reivindicam [...] nos quais as mulheres foram historicamente levadas em situações circunstanciais destacando sua representação como *objet approprié et échangé, possédé et substitué, consommé et utilisé* (objecto apropriado e trocado, possuído e substituído, consumido e utilizado), valendo-se de um pensar filosófico sobre o sujeito.

O género não é apenas uma proposição filosófica. É, sim, uma ferramenta de pensamento na filosofia que permite fazer uma dicotomia entre as diferentes categorias, de forma neutro e universal, pois ele é, um diferenciador de entidades (o feminino e o masculino). Freisse defende que *“uma nova mirada sobre el mundo puede permitir el reconocimiento, y la representación, de que los sexos hacen la historia, y que la historia es sexuada. [...] La idea es que no podríamos pensar el mundo sin esta mirada”*. (FRAISSE,2016:56)

Diante destas controvérsias, faz todo sentido posicionar as nossas análises de modo a intervir em determinados discursos a respeito do conceito que se tem da mulher. Ao apresentarmos os argumentos da particularidade e da normatividade criou-se aquele que ficou conhecido na filosofia de Wittgenstein (2015) como o «problema da diferença», colocando teoria e prática feminista num impasse: revelada a ausência de uma essência que defina o que é ser mulher, onde jaz a força da acção feminista? De facto, a perspectiva anti-essencialista tomava os contornos de uma verdadeira postura filosófica, expressando uma crítica mais abrangente dirigida a tendências apriorísticas que, pressupondo a existência de essências nominais, se pretendiam capazes de postular o significado de mulher.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função social da mulher, permite questionar o discurso filosófico em seus pressupostos fundamentais, partindo do princípio de que a filosofia nos apresenta uma teoria de acção. A transformação das mulheres e a sua auto-afirmação é, resultado do reconhecimento cultural e político, algumas correntes defendem que, isso só foi possível com apoio da filosofia e da arte.

No entanto temos que levar em consideração que as mulheres produzem conhecimento útil, para legitimar a história filosófica. A pesquisa se concentrou em pensar sobre o contributo da filosofia desde a perspectiva do empoderamento feminino. Tarefa árdua e inacabada pelas razões apresentadas na fundamentação.

Durante a nossa abordagem levou-se a compreensão de que, a filosofia da educação suporta um significado unívoco e incontestável sobre o género feminino. Todavia, a utilização do conceito de «mulher» como categoria crítica de análise nos permitiu interrogar a filosofia enquanto saber situado no mundo e na história.

A filosofia da educação enquanto instrumento de racionalidade, constituído por sistemas ontológicos, epistemológicos e políticos, permitiu-nos explicitar a actuação de pressupostos sexistas na construção de conceitos.

Além disso, identificam que algumas questões sobre o género feminino-como, por exemplo, o papel da mulher a relação de trabalho entre homens e mulheres e os direitos das mulheres-estão configurados na história da filosofia desde o começo. Diante da situação de violência, opressão ou ainda desigualdade a que as mulheres estão sujeitas no dia-a-dia, a filosofia nunca foi indiferente nas discussões sobre o assunto.

No nosso entender o género feminino incide simplesmente na maneira como se concebe o conhecimento e também na maneira como se organiza a sociedade. Ao mesmo tempo, os recursos e as ferramentas filosóficas têm sido úteis para colocar em questão esta ordem de coisas, inclusivas na problematização de si própria, enquanto saber necessário. Outro aspecto importante a ser destacado em pesquisas futuras é a visualização dos projectos políticos, da trajectória de trabalhos individuais ou colectivos sobre os mecanismos de empoderamento feminino. Deve-se fornecer a mulher, elementos

para construção de um tipo de saber que assume o seu papel dentro da sociedade em que habita e ao mesmo tempo projecta um modelo para o qual pretende-se contribuir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDRT, H.(1997). **Mujeres en la historia del pensamiento**. Barcelona: Anthropos.
- DELEUZE, Gilles.(1997). **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34.
- FRAISSE, Geneviève.(2016). **Los excesos del género: concepto, imagen e desnudez**. Madrid: Ediciones Catedra, pp. 122.
- FREUD, S.(1925). **The Resistances to psycho-Analysis”, in the collected papers of Sigmundo Freud, V.5,pp.163** (Tr.James Shacher) [Consult. 20 de Agosto.2020].Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org.?> Acessado:21 de Setembro de 2020.
- HENRIQUES, Fernando. (2010). **Concepções filosóficas e representações feminina: subsídio para uma hermenêutica crítica de tradição filosófica**. Revista crítica de ciências sociais. [Consult. 10 de Junho.2010].Disponível em: <https://www.scielomec.pt/scielo.php?> Acessado:14 de Setembro de 2020.
- H.REBELO & J. Bonito. (2012). **Pensar a educação: contributos da filosofia na procura da qualidade**. Evora [Consult. 15 de Sete.2010].Disponível em: <https://www.wordcat.org>.Acessado :15 de Setembro de 2020.
- LOBO C.R.C de Lima. (2019). **Mulher inessencial mas mulher: Feminismo, wittagenstein e o problema da diferença**. Lisboa: Nova FCSH.( dissertação de Mestrado em filosofia).
- KRAHE, I. Bueno & Matos, S.R da Luz.(2010). **Devir Mulher como diferença**. Brasil: VCINFE.
- MURCHO, D. (2011). **Filosofia em direito**. Lisboa: fundação Francisco Manuel dos Santos.
- MOREIRA L. de Araújo (2016). **Direitos e género: a contribuição feminista para a formação política das mulheres no processo de (RE) Democratização Brasileira**. Brasil [Consult. 10 de Sete.2020].Disponível em: <https://periodico.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>. Acessado :15 de Setembro de 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- PATRÍCIO, M & Sebastião, L.(2004). **Conhecimento do mundo social e da vida: passos para uma pedagogia da sageza**. Lisboa: universidade aberta.
- PISCITELLI, Adriana.(2002). **Recriando a (categoria) mulher. Textos didáticos, v. 48, 2002**.
- RICOEUR, Paul.(1950). **Le volontaire et l'involontaire**. Paris: Aubier-montaigne.
- SOUZA, A. Hilgert. (2016). **O género para além de uma preposição**. Madrid: ediciones cátedra,pp.121.
- SCOTT, Joan.(1993).**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, jul/dez.
- SHEMAN, N. (2002). Introducion. In.N. Scheman e P.V.Conor (eds), **feminist interpretations of Ludwuing**. Wittagenstein State college, PA: Pen State University Press. (pp.1-21).
- TCHIPESSE, M. F.(2019). **Dimensão ética do Professor na Sala de Aula**. Luanda: Muenhu.
- \_\_\_\_\_(2020).Princípios pedagógicos para ensinar quem não quer aprender. Maputo: **Revista UDZIWI**. [consult. 24.de Julho de 2020]. Disponível em:[https:// www.fcnm.up.ac.mz](https://www.fcnm.up.ac.mz), 2020.
- \_\_\_\_\_(2020). **O que é que o professor não sabia?** Brasil: webartigos.[consult. 25.de August de 2020]. Disponível em:[https:// www.webartigos.com](https://www.webartigos.com), 2020.
- \_\_\_\_\_(2020). **Redução do impacto da covid-19 na aprendizagem dos alunos: uma reflexão a partir das teorias em sociologia e filosofia da educação**. Brasil: Webartigos.[Consult. 23. Sete. 2020]. Disponível em:[https:// www.webartigos.com](https://www.webartigos.com), 2020.Acessado em 23.Sept.2020.
- \_\_\_\_\_(2020). Ser Professor é uma vocação ou Profissão? Realidades, Tendências e desafios rumo à qualidade. Brasil. **Revista Primeira Evolução** [Consult. 8 de Set.2020]. Disponível em:[WWW.primeiraevolucao.com.br](http://WWW.primeiraevolucao.com.br)
- WITTGENSTEIN, L. (2015). **Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Filosóficas** (M.S. Lourenço trad., 6ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- UNESCO (2011). **A filosofia como instrumento de busca constante do conhecimento da verdade. Reflexões sociais para um genuíno debate**. [consult. 24.de August. de 2020]. Disponível em: <https://www.es.unesco.org>. Acesso em : 16/09/2020.



### Faustino Moma Tchipesse

Mestrando em Gestão da Educação pela Universidade de Desarrollo Sustentable UDS. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Católica de Angola (UCAN) Instituto Superior Dom Bosco (ISDB). Especialista em Administração, Gestão de Qualidade Pedagógica (AGQP), Graduado em elaboração de Projectos de Investigação e Desenvolvimento (CEPID). Técnico Médio em Instrução Primária pelo Magistério Primário de Luanda. Professor e Investigador Educacional. Email: momatchipesse2018@gmail.com



Filiada à:



### AUTORES(AS):

- Alexandra Regina Sampaio
- Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira
- Edgleid Sales Braga Bernardo
- Eliane Jaques
- Elisama Edilia Oliveira dos Santos
- Faustino Moma Tchipesse
- Fernanda Xavier Fontana Oliveira
- Gisele Aparecida Padilha Vilela
- Joseneide dos Santos Gomes
- Luiz Ricardo Fueta
- Maynara Chaves Ferreira
- Miriam Ferreira
- Neiva Luiza Martins de Oliveira
- Samaia Cavalcante de Souza
- Sileusa Soares da Silva

**POIESIS**  
Carlos Eugênio Régio  
Danton Medrado  
Eva Wilma  
J. Wilton

**DESTAQUES**  
O CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO EMPoderAMENTO SOCIAL DA MULHER  
Prof. Ma. Rosângela Maria Schepers

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA  
Prof. Dra. Rosângela Maria Schepers

**ABEC BRASIL**

**DOI**

**A** A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

### ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva  
Manuel Francisco Neto

**doi** <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.17>



Edições  
**Livro Alternativo**



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)